

**TODOROV, Tzvetan (1983). *A Conquista da América. A Questão do Outro.***

**São Paulo, Ed. Martins Fontes.**

**RESTALL, Matthew (2006). *Sete Mitos da Conquista Espanhola.***

**Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira.**

**Por Ariane Larocca e Pedro Henrique Fernandes\***

*A Conquista da América. A Questão do Outro*, de Tzvetan Todorov tem, como mote, a questão da alteridade, analisada do ponto de vista moral, através da narrativa e análise do que considera “uma história exemplar” (TODOROV, 1983, p. 4). A perspectiva não é, pois, a de um historiador, mas de um moralista, preocupado, antes de tudo com o presente. Este presente, no caso, é o ano de 1982, quando a obra foi publicada, época em que o tema da percepção do outro era de extrema relevância dentro da conjuntura geopolítica e socioeconômica: a cortina de ferro já apresentava rachaduras aparentes, a Comunidade Europeia estava em construção, e havia um abismo que separava o Primeiro do Terceiro Mundo. A Europa próspera construía sua unidade apartada das graves crises que assolavam os países latino-americanos, quase todos emergindo de ditaduras militares que os haviam sufocado por décadas, e mais distante, ainda, das nações africanas, muitas delas emancipadas em tempo recente, outras em processo de descolonização, e praticamente todas enfrentando guerras civis, cujos contornos eram de genocídio, dentro de um contexto de escassez total de alimentos, que havia criado um continente onde, literalmente, morria-se de fome.

É com o objetivo precípua de fomentar o diálogo sobre a questão da alteridade na época coeva que Todorov ergue sua tese sobre o desconhecimento do outro pelos espanhóis, ao narrar a descoberta da América e sua conquista; mas não só: vê no ano de 1492, com a chegada de Colombo ao solo americano, um mundo que era constituído de partes que não formavam o todo, fechar-se em sua totalidade. É, também, o encontro que contém a quintessência de seu tema de

---

\* Graduação em História pela Universidade de São Paulo – USP.

análise: desde priscas eras, os europeus sabiam da existência da África, da China e da Índia, por exemplo, de forma que o encontro entre eles não se deu num contexto de surpresa absoluta, ao contrário do que ocorre em relação às populações indígenas mesoamericanas, onde a estranheza é completa. Os espanhóis nada conhecem sobre os índios: este é, pois, um encontro exemplar e, assim, axiologicamente paradigmático.

A este valor, soma-se outro, de causalidade direta, posto que a identidade presente ocidental<sup>1</sup> foi anunciada e mesmo fundada com a conquista da América. “Somos todos descendentes diretos de Colombo, e é nele que começa nossa genealogia” (TODOROV, 1983, p. 6), proclama o autor.

Todorov utiliza, como *corpus* documental, um conjunto de documentos produzidos pelos conquistadores e/ou pelos missionários espanhóis, como cartas e diários, dentre outros. Entretanto sua leitura não é a de um historiador, mas a de um linguista, um semiótico: analisa as formas discursivas, as omissões, a linguagem e a apreensão do mundo indígena a partir do olhar europeu. Realiza, portanto, um estudo sobre o discurso, não fazendo qualquer crítica interna às fontes.

Aliás, sua metodologia estrutural linguística, muito próxima à de um etnólogo, busca entender, em sua completude, os conjuntos mentais organizados e orgânicos tanto dos indígenas, como dos espanhóis; entretanto, desconsidera qualquer método historiográfico ao sustentar seus argumentos. Antes, de antemão, já revela que não busca a verdade, mas um exemplo: levanta questões que não levam ao conhecimento do verdadeiro, mas do verossímil, sustentando que, para a história das ideologias, o que realmente importa é a possibilidade da recepção do texto por seus contemporâneos e que o autor acredite em suas próprias palavras. Adota esta perspectiva, descartando a noção de falsidade da informação ou fato relatado no documento: sua mera existência comprova sua verossimilhança: e, à sua análise discursiva meramente moralista é o que basta.

O livro é dividido em quatro capítulos, que correspondem às fases sucessivas

---

<sup>1</sup> O termo “ocidental” é usado pelo autor para designar o Primeiro Mundo, que, embora englobe os EUA, refere-se, no texto, basicamente à Europa, e é neste sentido que deve ser compreendido.

da relação entre o “eu” e o “outro”, isto é, faz uma história desconstrutivista desse “outro”. O problema desta abordagem é que resulta numa história linear: o capítulo “Descobrir” abarca, basicamente o encontro de Colombo com os indígenas e suas implicações; entretanto, no capítulo seguinte, ao analisar a conquista, série de eventos cronologicamente posterior à descoberta, o autor não contextualiza temporalmente os sujeitos discursivos, de modo que não são traçadas as conexões entre os discursos produzidos em cada tempo e as relações de poder daquela época específica, que, efetivamente, restringia e vinculava tais discursos<sup>2</sup>.

Somos, assim, apresentados a Colombo, um sujeito de mentalidade medieval, que em nada antecipa o homem moderno. De raciocínio finalista, suas interpretações guiam-no, sempre, rumo a um resultado concebido *a priori*, sendo, portanto, desprovidas de cientificidade. Seu interesse é a natureza, e os nativos americanos lhe interessam apenas na medida em integram a paisagem recém-descoberta: a eles dedica a mesma apreciação pragmática com que admira os elementos naturais, não desenvolvendo qualquer interesse em verdadeiramente conhecê-los.

Seu desconhecimento em relação aos índios o leva a um comportamento ambíguo em relação a eles: ora declara que os índios são pessoas extremamente bondosas e dóceis, no que antecipa, de certo modo, a ideia do bom selvagem que surgirá no Dezenove, e ora os taxa de “cães imundos”, porque não entende suas práticas culturais distintas, sobretudo o canibalismo ritual, e não admite que prefiram seus cultos religiosos ao cristianismo, constituindo-se, assim, em potenciais escravos.

Esta ambiguidade expressa nos escritos e no comportamento de Colombo, é a marca particular da história da descoberta da América, entendida como o primeiro episódio da conquista: a alteridade humana é afirmada e rejeitada simultaneamente. Este duplo movimento é simbolizado, na história hispânica, pelo peculiar ano de

---

<sup>2</sup> Cf. o entendimento de Donald M. Lowe de que a linguagem não é uma estrutura autônoma, dentro da qual os indivíduos pensam livremente, mas está intrinsecamente vinculada às estruturas de poder de cada época.

1492: ao mesmo tempo em que recusa seu Outro interior, ao expulsar de seu país os infiéis mouros e forçando os judeus a imigrarem, descobre o Outro interior, no vasto território americano; e o próprio Colombo liga ambos os eventos em carta aos reis católicos de Espanha<sup>3</sup>.

É um movimento homogêneo, já que o objetivo de expandir a fé católica confere unicidade a ambos os acontecimentos, ao passo em que sua simultânea heterogeneidade transparece dos sentidos opostos e complementares de cada ação: a primeira expulsa o elemento não pertinente à tessitura do Estado espanhol, enquanto a segunda o introduz de forma permanente.

Estabelecidos os parâmetros e o desenvolvimento dos contatos entre os descobridores e os nativos, Todorov busca entender as razões que tornaram possível um número tão reduzido de espanhóis massacrar o super-estruturado e riquíssimo Império Asteca. Aqui, valendo-se dos conceitos estabelecidos pelo sociólogo Louis Dumont<sup>4</sup>, o autor apresenta seu construto teórico chave, que permeia toda a obra: a contraposição entre a sociedade holista indígena e a sociedade individualista espanhola.

A questão não é, pois, a existência ou não da escrita, ou a superioridade material dos espanhóis: o fundamento da conquista encontra-se na própria mentalidade que determina a concepção de cada sociedade, e o papel do indivíduo e da linguagem dentro de tais estruturas. A partir do minucioso estudo destes aspectos, Todorov apresenta sua tese: a vitória espanhola deveu-se ao colapso na comunicação asteca, em consequência direta de sua interrupção, no momento em que, à comunicação ritual holista, é imposto um padrão novo, mais ágil e adaptável, da comunicação inter-humana pelos conquistadores<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Escrita no próprio ano de 1492 por Colombo, após chegar à América; seu conteúdo é parcialmente reproduzido em TODOROV, Tzvetan. *A Conquista da América. A questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 47.

<sup>4</sup> Em suas referências bibliográficas, cita três obras desse autor: *Homo Hierarquicus* (1966), *Homo aequalis* (1977) e “La conception moderne de l’individu”, *L’Esprit*(1978), pp. 3-39. TODOROV, Tzvetan. *op. cit.*, p. 253.

<sup>5</sup> Não admite qualquer inferioridade natural dos índios no plano linguístico ou simbólico, posto que os desenhos e pictogramas utilizados pelos índios não são um grau inferior da escrita, mas uma forma diferente de registro: registram a experiência e não a linguagem.

Os astecas possuem uma cosmogonia própria, na qual é essencialmente importante a concepção cíclica do tempo: o futuro está inscrito no passado, tudo o que está por vir já ocorreu, sendo, assim, pré-determinado, e se revelando no presente através de presságios ou de profecias. A comunicação estabelecida aqui é entre o mundo humano e o sobrenatural ou religioso. A comunicação inter-humana sequer é estimulada: dentro da mentalidade holista asteca, a coletividade não resulta da soma de indivíduos, antes, tem preeminência sobre o individual: o todo coletivo é um elemento maior, do qual a totalidade de indivíduos é apenas uma das partes constitutivas, sempre submetida ao todo.

O princípio fundamentador do mundo asteca é sua super-determinação, que resulta numa minuciosa regulamentação de toda a vida social, cuja essência é a ordem, e não há espaço para ações individuais, nem, portanto, qualquer brecha para o imprevisto. [A sabedoria deriva do saber-interpretar; o poder, por sua vez, deriva da sabedoria, isto é, há uma íntima relação entre o poder e o domínio da língua]<sup>6</sup>.

Considera a escrita como índice da evolução das estruturas mentais, no sentido em que, conforme evolui a escrita (sociedade sem escrita, pictogramas, escrita rudimentar, domínio da escrita), diminui o comportamento simbólico social, evoluindo, proporcionalmente a capacidade de percepção das diferenças.

A estrutura holista do mundo asteca determina, outrossim, o tipo de guerra por ela praticada, qual seja, a guerra ritual, pontuada por protocolos específicos. Os conquistadores, em contrapartida, adotam a guerra total, completamente desconhecida pelos índios. Qualquer novidade, seja de que espécie for, desestrutura a comunicação asteca, pois esta não é aberta a improvisos, a fatos não conhecidos previamente, através da interpretação dos sinais divinos. Ora, ao não conseguir responder prontamente aos primeiros ataques, já haviam perdido, posto que neste

---

<sup>6</sup> Há uma ideia que se reputa difundida na época, de que os incas acreditariam que os espanhóis fossem deuses; o autor compartilha dessa ideia, de forma que as ações espetaculares performatizadas por Cortez tem o intuito de manter tal aparência divina dos hispânicos. TODOROV, Tzvetan. *op. cit.*, p. 78 e pp. 114-115.

tipo de luta de extermínio, as primeiras ações são decisivas no resultado final. Disso resulta que a conquista só foi possível, embora não apenas ou talvez nem prioritariamente por isso, devido à interrupção da comunicação asteca.

Já os espanhóis, simbolizados na obra por Cortez, a quem o autor imputa papel de inovação em relação ao comportamento dos conquistadores que antecederam, vendo em seus atos uma consciência histórica e até política, dominam a fala inter-humana e provém de uma civilização onde o indivíduo tem importância de acordo com as próprias ações; logo, saber se adaptar ao desconhecido e agir de improviso são elementos de perspicácia individual.

A primeira atitude de Cortez é encontrar intérpretes, com vistas a amalgamar o maior número possível de informações sobre os indígenas. Malinche lhe é fundamental, pois conhece as línguas maia e inca e aprende rápido o espanhol. Escolhe permanecer ao lado dos hispânicos, e traduz não apenas a fala dos nativos, bem como ensina sua cultura, o significado de seus ritos, o funcionamento de sua sociedade, o que garante a Cortez inestimável vantagem em relação aos nativos: preocupa-se muito com a recepção de seus discursos pelos indígenas, adota ações espetaculares por seu efeito simbólico<sup>7</sup> e age de modo dissimulado para confundir os índios. É também por meio de seus intérpretes que descobre as rivalidades internas entre as várias comunidades nativas que pertencem ao Império Inca, de forma que se valerá delas para fazer alianças e garantir o apoio de um considerável número de guerreiros índios, que, em última análise é o que, de fato, lhe garante a vitória<sup>8</sup>.

A linguagem é, pois, um instrumento equívoco, podendo ser utilizada tanto para se integrar à comunidade, como para manipular outrem. Montezuma privilegia a primeira função, Cortez a segunda. Embora os incas venerassem o domínio simbólico da linguagem, apenas os espanhóis perceberam a utilidade prática da língua, utilizando-a como instrumento político de manipulação e controle sobre o

---

<sup>7</sup> Cujo significado é, também, a passagem dos incas de uma sociedade holista a uma individual, encerrando a sociedade holista medieval.

<sup>8</sup> “Por que esta vitória fulgurante, se os habitantes da América são superiores em número a seus adversários, e lutam no próprio solo?”. TODOROV, Tzvetan. *op. cit.*, p. 51.

outro. E, neste ponto específico, Todorov aproxima Cortez do príncipe descrito por Maquiavel: de posse das informações, age segundo seu objetivo, e não mais de acordo com o objeto.

A questão que cabe aqui, e que Todorov se coloca, é: por que esta compreensão que Cortez desenvolve em relação aos índios o leva a saquear e a destruir? Ora, primeiramente há que se considerar que, de seu ponto de vista egocêntrico, não vê os nativos como iguais; são sujeitos, mas reduzidos à função de produtores de objetos; se sente admiração pelos íncolas, tal sentimento apenas marca a distância entre eles.

Mas, para muito além disso, Todorov cria dois conceitos muito interessantes para explicar tamanho massacre: opõe a sociedade de sacrifício, a nativa, à sociedade de massacre, criada pelos espanhóis na América. Na primeira, o assassinato é religioso, logo, um sacrifício, determinado pela ideologia oficial, perpetrado em praça pública, e que evidencia a força dos laços sociais e seu predomínio sobre o indivíduo. Já na segunda, ao contrário, longe do poder central hispânico, a única lei é que tudo é permitido, revelando não a natureza humana primitiva, mas o ser moderno, amoral, que mata por puro prazer: a barbárie do comportamento espanhol é extremamente humana e decorre da descoberta, pelos conquistadores, da diferenciação moral entre os espaços físicos da metrópole e da colônia.

Mesmo Las Casas, ferrenho defensor dos índios, apesar de amá-los, não os conhece. Do grande debate que trava com Sepúlveda, pormenorizadamente analisado na obra, a única diferença entre ambos é que enquanto o último defende a tutela indígena pelos colonizadores, Las Casas acredita que esta deva ficar a cargo da Coroa espanhola. Na realidade a discussão toda foi, portanto, sobre quem deveria exercer a tutela dos nativos, o que implica que essa proteção era implicitamente considerada necessária, logo, era ponto pacífico que os índios eram vistos como inferiores pelos espanhóis, mesmo por seus defensores: na melhor das hipóteses, seriam comparados a crianças, ingênuos e incapazes de autogerir suas comunidades.

Dessa forma, nem entre os que buscam preservar os índios exista quem de fato os compreenda, pois a compreensão ocorre apenas quando se reconhece o Outro enquanto completamente distinto do Eu que o concebe, o que implica, não apenas no reconhecimento da alteridade, mas do respeito a ela, isto é, não pode haver hierarquização entre os sujeitos, que são distintos, porém coexistem no mesmo plano; aqui há o contato que leva à compreensão. Qualquer tentativa de assimilação por uma das partes, entretanto, pressupõe a presunção de superioridade cultural por esta, que procura encaixar o Outro em seu sistema de valores, resultando numa hierarquização dos sujeitos; aqui, há o contato que leva à destruição.

O texto, entretanto, apresenta uma série de inconsistências e contradições. Senão vejamos: apresenta a teoria da escrita como índice de evolução mental, segundo a qual os espanhóis seriam os mais evoluídos e, portanto, mais aptos a perceber o Outro. Porém, são os índios que aprendem a língua alienígena e atuam como intérpretes. E, neste ponto, o caso de Malinche é exemplar, pois ela não apenas aprende a língua e a cultura dos espanhóis, bem como opta ideologicamente em permanecer e lutar do lado hispânico; aliás, durante a obra, ela é a única pessoa que efetivamente faz uma escolha individual, livre das amarras estruturais impostas pela formação sociopolítica. Quem também age através de escolha, embora de caráter coletivo, são as comunidades indígenas que decidem se aliar a Cortez na luta contra os astecas.

Essa aliança, aliás, contradiz a tese do autor de que as sociedades índias não são capazes de se comunicar com os hispânicos: tanto o são que, após negociações entre as partes, os nativos resolvem se colocar ao lado dos invasores europeus, visando se libertar do jugo asteca, o que implica que dominavam, também, a comunicação inter-humana. A própria construção do império asteca, por meio da conquista de outros povos, se contrapõe à ideia de que não eram capazes de relações inter-humanas.

Além dessas incongruências argumentativas, o livro não se sustenta enquanto obra historiográfica por diversos motivos: não se preocupa em comparar fontes, na



tentativa de se aproximar da verdade, tomando o conteúdo dos discursos como válidos apenas por terem sido aceitos por seus contemporâneos; não relaciona os sujeitos discursivos às relações de poder às quais estão vinculados, isto é, considera-os como se agissem fora das amarras político-sociais das estruturas mais amplas que ditavam os limites de seus comportamentos, como se todos estivessem no mesmo tempo histórico.

Entretanto, Todorov se propôs a comprovar, por meio de uma análise meramente moral, que os espanhóis não conheciam os indígenas: apesar de sua própria argumentação ambígua e de todas as inconsistências internas do texto, é preciso considerar que tal objetivo é alcançado: ao fim e ao cabo, somos levados a concluir que, de fato, o contato entre estes povos tão distintos entre si não resultou na compreensão, mas na destruição, no massacre dos índios pelos conquistadores europeus.

A obra recebeu diversas críticas positivas na época de sua publicação; e, embora algumas falhas tenham sido apontadas por seus comentadores, a comunidade acadêmica foi praticamente unânime ao considerar o texto audacioso e forte, cuja principal virtude foi a de abrir um campo completamente novo nos estudos sobre a conquista da América, agora do ponto de vista cultural. E, embora a alteridade seja uma questão perene na história das civilizações, Todorov inovou ao introduzir este tema na análise dos acontecimentos do Dezesesseis, contribuindo de forma decisiva neste debate, seja ao comprovar sua tese da falha de comunicação asteca, seja ao provocar a produção de várias obras de mesmo mote conceitual, fomentando o debate intelectual sobre a conquista; e é só a partir de amplas discussões que podem surgir análises mais profundas e satisfatórias que contribuam para uma explicação mais completa sobre este tema.

Duas décadas após a publicação da obra de Todorov, Matthew Restall, historiador especializado em etno-história e na experiência dos africanos nos primeiros tempos da América espanhola, escreve, muito instigado pelo tom das obras sobre a conquista, publicadas aos borbotões por ocasião das comemorações do quinto centenário da descoberta da América, *Sete Mitos da Conquista Espanhola*,

publicado em 2003.

A obra faz uma revisão da interpretação historiográfica sobre a conquista da América a partir do binômio verdade-mito, buscando, através das ideias mais difundidas sobre este evento, corrigi-las aproximando-se de uma explicação mais próxima à verdade e, portanto, mais satisfatória. Ora, os mitos não foram inventados pelos historiadores; antes, provém de uma leitura desatenta das fontes ou da inobservância dos procedimentos metodológicos necessários ao fazer histórico, como o cruzamento de fontes. Partindo dessa perspectiva, seu *corpus* documental inclui as mesmas fontes já utilizadas por historiadores, isto é, faz uma releitura dessas, fontes, bem como se vale outras fontes que poderiam ter sido usadas, mas não o foram.

Metodologicamente, recua suas lentes, colocando os eventos e as personagens da conquista no contexto cultural e institucional dos espanhóis e indígenas do Século XVI traçando uma imagem forte do mundo colonial que então emergia.

À uma breve introdução, na qual apresenta seu objetivo de desmitificar o entendimento da Conquista seguem-se sete capítulos, cada qual referente a um mito identificado pelo autor, que corresponde a um aspecto específico da Conquista; segue a explicação de como tal mito foi construído ao longo do tempo e, a partir da investigação de seu *corpus* documental apresenta sua interpretação sobre a face analisada da Conquista.

Em seu revisionismo histórico, ataca diversas obras que considera carregadas de explicações míticas; o livro de Todorov sofre severas críticas, sobretudo quando Restall trata do quinto mito, o da (falha na) comunicação. Analisaremos, assim, seu texto numa perspectiva comparada com o do semiótico franco-búlgaro, buscando apontar os pontos de atrito entre ambos e, de uma maneira mais ampla, qual a leitura que Restall faz de *A Conquista da América*, bem como quais as implicações desta na sua concepção “mais verdadeira” das explicações sobre a Conquista.

Os dois autores, para entender a Conquista, partem da mesma pergunta, expressa em seus textos: como tão poucos derrotaram um inimigo tão

numericamente superior<sup>9</sup>? Questão esta, aliás, que se constitui no cerne de *Sete Mitos (...)*, que, nesse sentido, pode ser entendido como uma monografia aprofundada e muito bem documentada sobre este tema. Cada qual procurará a resposta num campo distinto: Todorov conforme já expusemos acima, e Restall, revirando uma vasta quantidade de fontes, comparando-as e as interrogando de forma incisiva. Esta indagação é posta pelo historiador no início da exposição do primeiro mito que apresenta, qual seja o dos homens excepcionais<sup>10</sup>. Demonstra que a Conquista foi, na verdade, obra de um pequeno grupo de aventureiros, em empreitadas particulares, inseridos num processo histórico mais amplo, embora não discorra sobre ele. Demonstra que havia um procedimento padrão de conquista, que, mais que determinar os limites de ação dos conquistadores, determinavam os próprios procedimentos utilizados por todos eles, o que contraria frontalmente a tese de Todorov, sobre o comportamento inovador de Cortez, que seria uma exceção e arquétipo de conquistador<sup>11</sup>, inserindo-o dentro de tal procedimento padrão adotado por todos os exploradores e o retratando como um homem de seu tempo<sup>12</sup>.

Os relatos pessoais de Colombo e dos conquistadores devem ser entendidos no contexto do sistema de patronagem em que foram produzidos, no século XVI, como *probanzas* (TODOROV, 1983, p. 97); estão impregnados da ideologia imperial

---

<sup>9</sup> Refere-se à vertente historiográfica que busca explicar o fato de que “um punhado de aventureiros” espanhóis foi capaz de empreender um dos maiores feitos da humanidade – a conquista da América – ao derrotar um inimigo numérica e estruturalmente muito superior por se constituir de “homens excepcionais”. RESTALL, Matthew. *Sete Mitos da Conquista Espanhola*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, pp. 25-29.

<sup>10</sup> Como, p. ex. nos episódios em que “queima” seus próprios navios (p.54) ou encena uma série ações espetaculares (p.p. 111-2). TODOROV, Tzvetan. *op. cit.*, p. 54 e pp. 111-2, respectivamente.

<sup>11</sup> Tal procedimento constituía-se de sete aspectos, ou passos, comuns, na época a todos os conquistadores: uso de iniciativas legalistas para legitimar (formalmente) a expedição, com a fundação de uma cidade e a leitura, no caso da Mesoamérica, do Requerimiento; abandonar o grupo e buscar sozinho riquezas e/ou terras; a busca de metais preciosos; buscar aliados nas populações nativas; obtenção e uso de intérprete; demonstração de violência; captura pública de um governante indígena.

<sup>12</sup> Nas expedições de Conquista, a Coroa Espanhola concedia licenças ou contratos de exploração ou ocupação a particulares, transferindo-lhes o ônus da empreitada. Estes eram obrigados a comprovar que cumpriram sua parte no acordo, demonstrando que haviam conquistado um dado território viável economicamente: tais comprovações eram intentadas através das *probanzas*, relatos nos quais os conquistadores geralmente exageram seus

hispanica e não podem ser tomados como verdadeiros. Esta crítica, embora não nominal, acerta em cheio o trabalho de Todorov, posto que este se utilizou, como fontes exclusivas, dos relatos de Colombo, Cortez e alguns outros conquistadores e/ou religiosos, sem questionar seu conteúdo, com a explicação de que para ele bastava ser o documento verossímil, tomando-os como a expressão de uma “verdade possível”. É de se notar, também, que Restall desconsidera que este padrão de conquista fosse desconhecido pelos nativos, e que isso possa contribuir para explicar a derrota íncola, ao contrário de Todorov, que aponta toda novidade como um fator importante para o colapso da comunicação indígena.

Ao mito do exército do rei opõe o fato de que não havia qualquer exército organizado e financiado pela Coroa Espanhola e/ou que a representasse; tratava-se de empreendedores particulares armados, que, geralmente financiavam suas próprias expedições, ou obtinham recursos de seu patrono. Aqui, novamente, Restall desconsidera que este era um padrão novo para os nativos: os espanhóis guerreavam pelo lucro, enquanto eles conheciam apenas a guerra ritual.

Para derrubar o mito do conquistador branco, o autor apresenta não apenas as alianças com populações locais como fundamental para a vitória espanhola, mas, também comprova a presença de africanos que lutaram ao lado dos hispânicos, alguns dos quais obtiveram grande sucesso. Entretanto, não pondera sobre as diferentes expectativas dos envolvidos: enquanto o projeto de Cortez era de longa duração, com vistas a construir novas estruturas de um poder tributador e imperial, os índios aliados tinham um projeto de curto prazo, baseado nas estruturas de poder pré-existentes, qual seja, livrar-se do jugo esmagador dos astecas.

No mito da conclusão, refuta a ideia de conquista completa, argumentando que as populações de áreas periféricas nunca foram conquistadas e que os indígenas mantiveram muitas de suas crenças sob a capa da cristianização. Neste ponto específico, nos parece que o autor incorre num erro conceitual, já que a conquista é um processo contínuo, que prossegue nas áreas periféricas paralelamente à exploração colonial das regiões centrais. Quando há exploração do

---

feitos para obter a contraparte devida pelo Estado.

trabalho local e pagamento de tributos pelas populações dominadas, significa que a conquista nesta área terminou, pois houve o reconhecimento pela própria população subjugada que deveria, através da prestação de trabalhos e pagamento de tributos, se sujeitar àquele que venceu a guerra. A prática da exploração colonial, que pressupõe a própria conquista, existe, pois, a partir do momento em que estão presentes estes dois elementos, trabalho e tributo. Restall analisa várias revoltas e ações de reação indígena contra a exploração colonial como se fossem de resistência à conquista, posto que, ao focar estreitamente no protagonismo indígena, esquece-se do colonialismo, e desconsidera que autonomia cultural não significa ausência de exploração pelo vencedor.

No quinto mito, o da (falha na) comunicação, o atrito com Todorov é direto e contundente. Apresenta o mito da falha na comunicação como um contramito, fruto da negação do mito da comunicação. Este último foi construído historicamente durante a Conquista e o período colonial, pelos próprios espanhóis, com o objetivo de, através da afirmação da efetiva comunicação com os povos nativos, sustentar que estes haviam sido subjugados, assimilados e convertidos. Este mito começa a ser questionado já no século XVI, principalmente por La Casas, e, em época recente, foi tão banalizado que gerou seu contramito, qual seja, o da falha na comunicação, muito difundido pelos intelectuais modernos. Dentre os difusores coetâneos do mito, reputa maior responsabilidade a Todorov, que o articulou este mito por meio da comparação entre os comportamentos de Colombo, que não manifestava qualquer interesse em se comunicar com os nativos, e Cortez, habilidoso em reunir informações e ler signos, seguida do contraponto entre o bem informado Cortez aos astecas, incapazes de apreender os sinais dos europeus, atribuindo à falha na comunicação a causa da derrota íncola. Aqui se apresenta um equívoco de Restall: Todorov não afirma em momento algum que o próprio Cortez é capaz de interpretar os signos astecas, e sim, que conseguiu tal vantagem ao se utilizar dos saberes de Malinche, de forma que caberia à intérprete o papel preponderante na comunicação entre espanhóis e astecas, no momento em que ela opta pela posição espanhola: “[Malinche] não se contenta em traduzir (...).

Por um lado, efetua uma espécie de conversão cultural, interpretando para Cortez não somente as palavras, mas também os comportamentos (...)"<sup>13</sup>. Restall discorda também desta colocação, sustentando que “o sistema de comunicação proporcionado por Malinche e Aguilar era imperfeito” e se pergunta: “Mesmo depois de Malinche ter aprendido espanhol, quanto não deve ter se perdido na tradução, nas leituras do significado de suas palavras e em tentativas improvisadas de transpor a barreira cultural?”<sup>14</sup>.

Entretanto, o erro crasso da análise de Restall sobre *A Conquista da América* é imputar, como construto teórico chave de Todorov, a questão da escrita<sup>15</sup>; pois é justamente a este ponto específico que se prende em suas severas críticas à obra do linguista, argumentando que houve falhas na comunicação de ambos os lados, de modo que nenhuma das partes conseguiu, de fato, compreender a outra, sem que disso resultasse alguma vantagem significativa no resultado final do confronto; adota, sobre tal questão, uma posição de meio-termo, alinhando-se à tese da Identidade Duplamente Equivocada de Lockhart, segundo a qual houve falhas na comunicação de ambos os lados, de modo que não se pode considerar esse aspecto como decisivo para a decisão do embate. De fato, Restall apresenta diversos exemplos de desentendimentos mútuos.

Porém, conforme analisamos no início, a pedra de toque da tese de Todorov é contraposição que traça entre sociedade holista indígena e sociedade individualista espanhola, e as implicações que decorrem da natureza de cada uma; a partir dessa oposição, demonstramos que qualquer novidade introduzida na sociedade autóctone era suficiente para gerar uma paralisia, ao menos inicial, já que não havia a possibilidade de uma resposta improvisada, constituindo-se, pois, num desequilíbrio da batalha em favor dos espanhóis, capazes a lidar de forma rápida

---

<sup>13</sup> Restall, Op. Cit. P. 154 e 155, respectivamente.

<sup>14</sup> “A expressão mais específica do argumento [de Todorov] diz respeito à escrita.” RESTALL, Matthew. *op. cit.*, p.164.

<sup>15</sup> RESTALL, Matthew. *op. cit.*, pp. 150-2. Tanto os relatos escritos por espanhóis quanto aqueles feitos por índios têm um ponto em comum: apresentam o desentendimento entre ambos os chefes, simbolicamente retratado no abraço que Cortez tentou dar em Montezuma e este se escusou do cumprimento: o que variam são as interpretações apresentadas por cada cronista sobre o significado deste mal-entendido.

com algo inesperado.

Considerando o pressuposto acima, a crítica de Restall a Todorov, procede somente quanto a seu argumento de que não se pode “explicar a Conquista” apenas sob o prisma da falha da comunicação dos índios<sup>16</sup>. E o próprio historiador incorre em contradição ao notar que “Atahualpa e Montezuma compreenderam as intenções e métodos dos invasores demasiado tarde para salvarem suas próprias vidas”<sup>17</sup>, o que deixa transparecer que, no caso dos autóctones, a incompreensão dos gestos dos europeus de fato os conduziram ao abismo.

Ao combater o sexto mito, o da desolação nativa, Restall novamente ataca Todorov, principalmente porque o linguista não apenas aceita a ideia de que os astecas realmente acreditavam na natureza divina dos espanhóis, razão pela qual, não teriam reagido prontamente aos ataques dos invasores, bem como lhe parece inquestionável que o próprio Cortez, num ato de grande imaginação e consciência político-militar, tenha fomentado tal ideia no seio da comunidade nativa<sup>18</sup>.

Por fim, no último capítulo, no qual analisa o mito da superioridade, que constata estar muito presente ainda hoje, oferece duas análises sobre a conquista: na primeira, apresenta um modelo de explicação da Conquista sustentado apenas pelos mitos que procurou desmentir ao longo da obra, constituindo-se, nesse sentido, num resumo geral do texto; e, como contraponto, cria um modelo próprio de explicação sobre a conquista, construído com base em argumentos pretensamente “desmistificados”, apoiado em cinco pontos fundamentais, quais sejam: as epidemias dos nativos, que funcionaram como verdadeira arma biológica; a desunião entre as populações indígenas; a superioridade bélica, representada, sobretudo, pela espada de aço exclusiva dos hispânicos; a cultura bélica espanhola e a conquista espanhola como “um mero episódio na globalização do acesso a recurso de produção de alimentos”<sup>22</sup>.

Este modelo, porém, apresenta fortes inconsistências. Primeiramente, com

---

<sup>16</sup> RESTALL, Matthew. *op. cit.*, p. 177.

<sup>17</sup> TODOROV, Tzvetan. *op. cit.*, pp. 92-3 e 114-5.

<sup>18</sup> RESTALL, Matthew. *op. cit.*, p. 242.

referência à desunião dos íncolas como um dos fatores decisivos na vitória europeia, tal argumento é apresentado de forma muito rasa pelo autor: apesar de que, de fato, a aliança entre espanhóis e nativos tenha sido de suma importância para a vitória hispânica, dada a inferioridade numérica brutal que tinham em relação às populações nativas, não se pode creditar uma relação de causalidade entre tal aliança e os problemas internos entre os índigenas, já que, na Europa, havia enorme animosidade entre as populações de cada Nação, bem como entre seus governos; considerando válido o argumento apresentado por Restall, seria de se indagar por que, então, os turcos, por exemplo, não se valeram dessa desunião e conquistaram a Europa. A argumentação apresentada é insuficiente e, pois, não se sustenta.

O argumento da cultura bélica espanhola é de um empiricismo por demais estreito: baseado apenas nos fatos ocorridos no desenrolar das batalhas, nota que os europeus praticavam um tipo de guerra diverso, por possuírem uma cultura bélica, e, que, portanto, os astecas teriam perdido pois, desprovidos desta concepção militar, praticavam um tipo de guerra inadequado à situação. Além de focar em demasia no protagonismo das personagens, em detrimento de uma moldura histórica precisa, novamente ignora que os espanhóis estavam acostumados a guerrear pelo butim, padrão completamente novo aos índios e, que a novidade desarticula sua comunicação. Num contexto de guerra total, a inércia autóctone foi um elemento crucial para sua derrota: o historiador dá, aqui, razão ao argumento de Todorov, construído sobre um quadro estrutural mais amplo do conjunto de mentalidades orgânicas de ambas as partes envolvidas no conflito, que considera, em sua análise, as práticas comuns a cada formação social (ou distinta) específica.

O quinto ponto de seu modelo também carece de uma contextualização mais específica, pois a expansão ultramarina não constitui, em si mesma, uma conjuntura estrutural; antes, é parte, juntamente com a formação de redes mercantis ultramarinas e a acumulação de capitais, do movimento expansionista ibérico do século XVI, dentro do contexto da consolidação da hegemonia do centro peninsular sobre as áreas periféricas do mundo colonial emergente.



Restall merece crédito por seu intuito de desconstruir uma imagem deturpada sobre a conquista, que, ao mesmo tempo em que se baseia numa visão distorcida do europeu sobre o outro, serve, simultaneamente, para alimentar esta essa própria distorção. Entretanto sua boa intenção esbarra nas claras incongruências de seu texto, no qual a opção pelo foco no protagonismo das personagens da Conquista exclui uma análise estrutural do evento, inserida no quadro da economia-mundo emergente da época. Ao montar um modelo explicativo “desmistificado” do evento, utiliza argumentos pouco sólidos bem como, sem perceber, após fazer profunda e estafante análise de fontes variadas e cruzar cuidadosamente os dados coletados, acaba por reconhecer a falha na comunicação indígena como um dos fatores preponderantes para a vitória espanhola. Ora, pode-se criticar o texto de Todorov por ele se valer das fontes sem interrogá-las, de forma que sua conclusão só tem validade enquanto a de uma história moral e exemplar; porém, Restall, após proceder a todos os passos metodológicos adequados ao fazer histórico, atesta a veracidade da tese do semiótico, o que por si só já seria suficiente para considerá-la válida.

Conclui-se, pois, que não há uma explicação única ou básica da qual derivariam outras, conforme pretende Todorov; tampouco Restall, apesar da excelente acolhida de sua obra no seio acadêmico, foi capaz de prover à conquista uma explicação suficiente. O evento continua a ser um grande enigma, aberto à investigação, que, entretanto, só trará resultados contundentes se realizada dentro do quadro estrutural amplo tanto da economia-mundo, bem como do conjunto das mentalidades de espanhóis e indígenas envolvidos nos conflitos.